

CHICO REI E ZUMBI DOS PALMARES, DE RENATO LIMA: HERÓIS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

CHICO REI AND ZUMBI DOS PALMARES WRITTEN BY RENATO LIMA: BLACK HEROES IN THE BRAZILIAN CONTEXT OF CHILDREN'S LITERATURE

Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa 1
Loyuá Ribeiro Fernandes Moreira da Costa 2
Rosemar Eurico Coenga 3
Fabiano Tadeu Grazioli 4

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar a representação do herói negro no âmbito das obras *Chico Rei* (2006) e *Zumbi dos Palmares* (2009), de Renato Lima, colocando em intersecção estudos de áreas como Literatura, História e Direito a partir de pensadores como Paulo Freire (1996, 1987), Boaventura de Sousa Santos (1999, 2000), César Augusto Baldi (2014), Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006), Eliane Debus (2012, 2017), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017), entre outros. Na interlocução dessas áreas, busca-se perceber, na medida em que são explorados aspectos da construção literária das duas obras de Renato Lima e do diálogo intenso que elas estabelecem com a História, se a literatura infantil pode contribuir com a justiça cognitiva. Como resultado do processo analítico desenvolvido nas seções que compõem a escrita, afirma-se que sim, pois, a partir do pensamento decolonial, compreende-se o papel da literatura infantil para o alcance de equidade epistemológica e, conseqüentemente, social. Além disso, as obras em análise apresentam os personagens da história negra brasileira sem os estereótipos que, por muito tempo, predominaram nos materiais didáticos e mesmo em obras de literatura destinadas à criança, considerando o texto e principalmente a ilustração veículo para esses equívocos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Heróis negros. Pensamento decolonial. Renato Lima.

Abstract: The objective of this research is to analyze the representation of the black heroes in the following books: *Chico Rei* (2006) and *Zumbi dos Palmares* (2009) written by Renato Lima and link the Children's Literature with other areas such as Literature, History, and Law. It is based on the studies of Paulo Freire (1996, 1987), Boaventura de Sousa Santos (1999, 2000), César Augusto Baldi (2014), Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006), Eliane Debus (2012, 2017), Marisa Lajolo and Regina Zilberman (2017). In the interlocution of these areas, we look for understanding whether Children's Literature can contribute to cognitive justice taking into account aspects of the Literary construction of Renato Lima's two works and the intense dialogue they establish with History. The result of the analytical process developed in the sections that compose the writing showed the Children's Literature can contribute to cognitive justice due to the decolonial thought. So, the role of Children's Literature achieve epistemologically and, consequently, social equity. Finally, the works under analysis present the characters of Brazilian black history without the stereotypes that were predominant in the Didactic materials for a long time and even in Literature books designed for children, especially when it comes to the text and the illustration as a vehicle for these mistakes.

Keywords: Children's literature. Black heroes. Decolonial thought. Cognitive justice. Renato Lima.

Doutora e Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade de Federal de Pernambuco (UFPE) e pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), respectivamente. Professora do Centro Universitário de Várzea Grande-MT (Univag). Membro efetivo do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9565286522023443> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1759-0281> E-mail: anna-edu@hotmail.com

Mestre em Direito Constitucional pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Entre diversas atividades e frentes, participa do Programa de Estudos dos Povos Indígenas (PRÓINDIO/UERJ) e do Laboratório Inovação, Pesquisa e Observação em Direito, Democracia e Representações da América Latina e Eixo Sul (INPODDERALES/FND-UFRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4410322387790482> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1800-1744> E-mail: lrfmcosta@gmail.com

Doutor em Teoria Literária e Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UNIC/UFMT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6784437572638138> ORCID: <https://orcid.org/https://orcid.org/0000-0001-9317-8120> E-mail: rcoenga@gmail.com

Doutor e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Passo Fundo (UPF). Professor do Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Erechim/RS e do Colégio Franciscano São José (Erechim/RS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6013536493561767> ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3860-6767> E-mail: tadeugraz@yahoo.com.br

Introdução: tempos e espaços justapostos

Na viagem agonizante,
Houve gritos alucinantes,
Lamentos de dor
Ô-ô-ô-ô, adeus, Baobá,
Ô-ô-ô-ô, adeus, meu Bengo, eu já vou.
Ao longe Ninas jamais ouvia,
Quando o rei, mais confiante,
Jurou a sua gente que um dia os libertaria.
Chegando ao Rio de Janeiro,
No mercado de escravos.

(*Chico Rei*, Samba-enredo do Salgueiro, 1964)

Em tempos de isolamento físico, em virtude da doença coronavírus (covid-19), nos reunimos virtualmente para pensarmos na temática deste estudo. Por transitarmos em distintos campos do conhecimento científico perfeitamente dialogáveis – Literatura, História e Direito –, discutimos a importância da literatura infantil na perspectiva teórico-metodológica de nossas áreas para, então, chegarmos ao consenso a respeito da formulação do problema de pesquisa: de que forma a literatura infantil pode contribuir para a formação de uma consciência crítica de crianças e jovens? Nossa preocupação incidiu na construção de um objeto de estudo fundado na análise comparativa das produções literárias de Renato Lima, *Chico Rei* (2006) e *Zumbi dos Palmares* (2009), compreendendo-as como importantes obras literárias na construção de uma justiça cognitiva.

Decidida a bibliografia principal para análise da hipótese prévia da pesquisa, assistimos aos filmes *Ganga Zumba* (1963), *Quilombo* (1984) e *Chico Rei* (1985); lemos *Romanceiro da inconfiância* (1977), de Cecília Meireles; ouvimos as composições *Quilombo dos Palmares* (1960), de Anescar Rodrigues e Noel Rosa de Oliveira, e *Chico Rei* (1964), de Geraldo Babão, Djalma Sabiá e Binha, sambas-enredos do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Deparamo-nos com número expressivo de sambas-enredos que apresenta como temática o sistema escravocrata no Brasil e alguns personagens como Ganga Zumba, Zumbi dos Palmares, Chico Rei, Chica da Silva, Tereza de Benguela, dentre outros. Nossa escolha aportou nas composições musicais que homenageiam as personagens centrais desta história: Chico Rei e Zumbi dos Palmares, ambas do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro.

A decisão em contemplar unicamente o universo salgueirense incidiu em prestarmos homenagens póstumas ao menino João Pedro, de cor preta, brutalmente assassinado durante uma operação policial no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 18 de maio de 2020, em plena pandemia do covid-19. Seu corpo foi encontrado somente no dia seguinte. Nas paredes internas da casa do menino João Pedro, a Organização Não Governamental Rio de Paz, contou 72 marcas de tiro (ONGRiodePaz, 2020).

Como podem estar lado a lado Zumbi dos Palmares, Chico Rei da Mina Encardideira e João Paulo do Complexo do Salgueiro? Tempos e espaços justapostos: séculos XVII, XVIII e XXI; Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, respectivamente. Nas temporalidades e nos espaços das desigualdades sociais por “cor ou raça” no Brasil, termo adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocorre o encontro. Em 2019, o IBGE notificou que “a taxa de homicídio de pretos¹ e pardos é quase três vezes maior que a de brancos”.

Compreender o presente, especificamente as condições de uma parcela quantitativa

¹ Importante notarmos que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ainda utiliza as expressões “pretos” e “pardos” quando já há outra nomenclatura sugerida por pesquisadores e militantes do movimento negro.

vamente expressiva da população brasileira que se encontra em estado de vulnerabilidade econômico-social requer análise do passado. Rever o sistema escravocrata iniciado no Brasil no século XVI, que perdurou por mais de 300 anos, é levar o presente para os tempos pretéritos de Chico Rei da Mina Encardeira de Vila Rica e de Zumbi dos Palmares, personagens de Renato Lima.

Apresentamos o desenvolvimento do artigo em três partes: “Decolonizar o pensamento: a justiça cognitiva ao alcance da literatura”. Em seguida, “Brasil Colônia na Literatura infantil de Renato Lima”; e, por fim, “O legado de Chico Rei e Zumbi dos Palmares para a literatura infantil brasileira contemporânea”. *Chico Rei e Zumbi dos Palmares* propiciam diálogo com crianças e jovens sobre a formação sociocultural do Brasil. Nas palavras de Lima (2009, p. 23), desvendar na “memória popular outros caminhos possíveis para um mundo mais fraterno, que só será possível através do respeito às diferenças pessoais e culturais”.

Decolonizar o pensamento: a justiça cognitiva ao alcance da literatura

Surgiu nessa história um protetor.

Zumbi, o divino imperador,

Resistiu com seus guerreiros em sua troia,

Muitos anos, ao furor dos opressores,

Ao qual os negros refugiados

Rendiam respeito e louvor.

(*Quilombo dos Palmares*, Samba-enredo do Salgueiro, 1960)

Pode a literatura infantil e juvenil contribuir com a formação crítica do indivíduo? Por que é necessário decolonizar o pensamento? A experimentação do mundo é individual e coletiva ao mesmo tempo. Está ligada a modos de ser, fazer, viver e conhecer. Cada criança e jovem possuem características próprias de suas origens, sua cultura, do lugar em que vivem e outras circunstâncias que revelam uma maneira própria de conhecer e aprender. Uma pedagogia voltada à autonomia do indivíduo (FREIRE, 1996) requer educação que considere as diferentes características das pessoas, construídas de acordo com o continente e mundo em que vivem.

O sentimento de coletividade é permeado por individualismo e competitividade, sentimentos negativos que se manifestam desde a infância e juventude como reflexo da sociedade em que vivemos. O pensamento moderno separa o sujeito de sua realidade, pois o universaliza e não considera as desigualdades sociais enraizadas no patriarcado, na heteronormatividade e na colonialidade do ser. Nesse sentido, como elaborar aprendizado que não reforce esse universalismo e a concepção das crianças e jovens como objetos? A resposta está em conhecer as diversas realidades, ensinando a criança e o jovem a transgredir as barreiras individualistas e desiguais impostas (HOOKS, 2013). Nesse sentido, a literatura funciona como importante ferramenta à disposição do conhecimento, tornando-o crítico, ou seja, consciente e questionador desse cenário.

Freire (1987, p. 34) denomina de “educação bancária” o ensino pelo qual docentes e discentes ocupam papel específico no sistema educativo em que os estudantes perdem sua capacidade de pensar, criticar, atuar e refletir, pois são sujeitos passivos que acumulam dados em ciclos de aprendizagem. A educação é bancária, porque investe como instituição financeira que, em vez de moedas, lida com dados.

De acordo com Simone Nogueira (2014), a identidade social moderna se pauta na branquitude. Essa terminologia é explicada por Schucman (2014) como concepção de humanidade que reserva lugar apenas aos povos de aparência branca ou descendência europeia e impõe

inferioridade e desqualificação aos povos não brancos, entre eles, negros, indígenas e quilombolas.² Essa padronização de pessoas requer, além da cor branca, a necessidade de privilégios para ter acesso a recursos materiais e simbólicos como escola e universidade bem qualificadas e emprego com alto salário. Também requer uma realidade que possibilite tempo para estudar e recursos como vestimentas, transporte e livros, fora do alcance da maioria.³ Nesse cenário, é grande o desafio em romper com as amarras do colonialismo e lutar contra “o desenvolvimento de uma sociedade extremamente desigual, ao invés de democrática, onde um pequeno grupo de cidadãos passa a gozar de mais direitos que a grande maioria” (GUIMARAES-IOSIF, 2009, p. 85).

Para que haja equidade social, é necessário justiça cognitiva. As distintas formas de conhecimento devem coexistir sem exclusão ou marginalização. Isso implica em protagonizar todas as formas de conhecimentos (BALDI, 2014). Portanto, uma educação crítica à visão etnocentrista universalizadora do ser e do mundo (QUIJANO, 2005), necessita do fortalecimento da memória e tradições das realidades brasileiras.⁴ Isso pode ser visado e enfrentado com a utilização de literatura escolhida com base no pensamento decolonial⁵. O pensamento decolonial permite reflexão dos mais variados temas e áreas do conhecimento com apuração de pressupostos filosóficos, políticos e metodológicos de maneira reveladora. Concede autonomia ao indivíduo para compreender contextos e processos sociais em que se desenvolve. Assim, a escolha de literatura pautada no pensamento decolonial permite uma construção do saber capaz de reconhecer o uso ideológico advindo da lógica monocultural (eurocentrismo), de modo a questionar fundamentos absolutos, universais ou transcendentais que desqualifiquem ou ocultem as diferentes realidades. Como consequência, esse ensino contribuirá para desenvolver respeito às diferenças sociais, ao considerá-las, e também ao fortalecimento de lutas populares que resistem ao histórico de opressões e invisibilidade (PRAXEDES; PRAXEDES, 2014).

Para decolonizar o pensamento, é necessário decolonizar nossos conhecimentos e nossas epistemologias.

Os nossos problemas sociais assumiram uma dimensão epistemológica quando a ciência passou a estar na origem deles. Os problemas não deixaram de ser sociais para passarem a ser epistemológicos. São epistemológicos na medida em que a ciência moderna, não podendo resolvê-los, deixou de os pensar como problemas (SANTOS, 2000, p. 117).

Nesse sentido, a contribuição da herança africana por meio da literatura possui potencial para tanto, porque a compreensão do mundo é maior que a compreensão ocidental do

2 Concepção que se fundamenta no “racismo epistêmico” (GROSFUGUEL, 2011, p. 346), versão mais antiga de racismo até hoje existente que compreende os não-ocidentais enquanto seres de incapacidade racional-epistemológica.

3 Em plena pandemia do Covid-19, o MEC (2020) persistiu na data das inscrições do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), não considerando a dificuldade ou falta de acesso de algumas pessoas à internet. “Dos 6,1 milhões de inscritos, 1,4 milhão está no terceiro ano do ensino médio, sendo que a maioria deles, 81,7%, estuda na rede pública de ensino”.

4 Lélia Gonzalez (1983) destaca a importância da conscientização quanto à mistura linguística herdada de Portugal e da África, melhor denominada de pretuguês a fim de propiciar um olhar crítico acerca do histórico de nosso país. Com a mesma intenção, a autora chama nosso continente de “América Latina” (GONZALES, 1988, p. 69), buscando contemplar as múltiplas realidades e evidenciar o processo histórico de formação do Brasil e da América, as culturas ameríndia e africana inerentes a nós.

5 “Descolonial” remete, temporal e historicamente, à “descolonização” que conota a busca por superação do colonialismo a fim de se alcançar um momento pós-colonial. De acordo com Walsh (2009, p. 15), instaurar um marco temporal pós-colonial não é o suficiente e implica na negação da problemática. O termo “decolonial”, por sua vez, indica a necessidade de compreender e lidar com a herança colonial característica das sociedades modernas. O pensamento decolonial manifestou-se na América Latina a partir da década de 1990 por meio de pesquisas de Dussel, Walsh, Santos, Schiwy, Saldívar, Maldonado-Torres, Coronil, Sanjinés, Cervantes de Salazar, Grueso, Fernández Osco, Lander, Escobar, que fazem parte do Projeto M&C (Modernidade e Colonialidade). (ESCOBAR, 2003).

mundo. Trata-se de construir aprendizados focados na busca de reconhecimento das diferentes realidades e da história do Brasil, aquela contada pelos oprimidos, escravizados, colonizados⁶.

Com o pensamento de Santos (1999, p. 203), “a questão é, pois: como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e as suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis?” Nesse sentido, a literatura para crianças e jovens, pautada no pensamento decolonial, é capaz de permitir o desenvolvimento da consciência crítica para compreender o mundo em suas diversas formas, bem como ter autonomia para transformá-lo. Assim, uma literatura engajada, de cunho decolonial, contribui ao reconhecimento da multiplicidade de formas de vida que compõem o povo brasileiro, possibilitando a construção de cidadania focada na emancipação (PIRES; MORETTI, 2016).

Brasil-Colônia na literatura infantil de Renato Lima

Ao longe, Minas jamais ouvia

Quando o rei mais confiante

Jurou à sua gente que um dia os libertaria.

Chegando ao Rio de Janeiro, no mercado de escravos

Um rico fidalgo os comprou,

Para Vila Rica os levou.

(*Chico Rei*, Samba-enredo do Salgueiro, 1964)

Uma nação precisa de heróis? As opiniões são divergentes. Em Brasília, na praça dos Três Poderes, Oscar Niemeyer projetou o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, um memorial cívico e fúnebre para homenagear brasileiros e brasileiras que contribuíram para o engrandecimento do Brasil, recebendo o título de “herói nacional”.

Paulo Miceli, em *O mito do herói nacional* (1994), Luiz Bolognesi e Pedro Puntoni, em *Meus heróis não viraram estátua* (2012), contribuem de maneira ímpar para entender por que homens e mulheres, estas em menor número, são indicados ao pedestal da História do Brasil. A resposta, certamente, é positiva, pois brasileiros buscam pessoas para homenagear, ainda que não haja unanimidade nas escolhas.

Desde a infância, especialmente no espaço escolar, diversas figuras humanas são apresentadas aos alunos como heróis nacionais, pelos livros didáticos ou pelas datas cívicas, muitas vezes sem explicar as opções. Nos dizeres de Miceli (1994, p. 18), a escola tem sido “um viveiro de heróis”. O que vale é criar elementos que possibilitem ao aluno saber quem é a personagem, em que época viveu, a quais interesses atendeu e, então, compreender o que o tornou um herói nacional.

Então, ao contextualizar historicamente os heróis Chico Rei, ficcional, e Zumbi dos Palmares, factual, as obras literárias de Renato Lima almejam responder a problemática deste estudo. Ainda se notam visões que diferenciam qualitativamente livros infantis e juvenis daqueles endereçados ao público adulto. Ao submeter a literatura infantil e juvenil ao interrogatório sobre suas redes de interlocução social, ao apresentá-la ao movimento da sociedade, têm-se contribuições ímpares para o fortalecimento de seu estatuto, seja ela com base em histórias factuais, ficcionais ou folclóricas.

Na pertinência desta abordagem, destacamos as fronteiras entre factual e ficcional encontradas nos livros *Chico Rei* e *Zumbi dos Palmares*, respectivamente, que culminaram em abordagens profícuas as quais não somente disponibilizam fragmentos de vida de seus personagens a recuperar tempos perdidos, silenciados. Chico Rei e Zumbi dos Palmares saltam

⁶ A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Posteriormente, foi alterada pela Lei 11.645, de 10 de março de 2008, para que contemple também história e cultura indígenas. Isso é primordial para transcender a colonialidade que permeia os conteúdos de História, Geografia, Literatura e Artes dos Ensinos Fundamental e Médio.

de seus tempos. Com os pés no presente, revelam seus tristes destinos. Enunciam resistências e lutas contra a violência do sistema escravocrata. Contribuem para a formação de uma consciência crítica e esperam reversão de valores, de estigmas, de estereótipos que envolvem a população de cor preta e parda, ainda fortemente operantes no imaginário da sociedade brasileira.

Ao contrário de Zumbi dos Palmares, Chico Rei não dispõe de documentos que comprovem sua existência. Contudo, ainda é fortemente presente na memória popular de Minas Gerais, sobretudo nos municípios onde houve extração aurífera no período da escravidão. Chico Rei revela-se, pelo simbolismo, nas tensões da escravidão negra na Província das Minas, após chegar do Congo com seu filho Muzinga, único sobrevivente da família, em uma das “quase 36 mil viagens de navios negreiros” entre os séculos XVI e XIX (COSTA E SILVA, 2018, p. 13). Galanga, como se chamava, um rei do Congo, foi parar em Vila Rica, na Mina Encardideira. Aí nasceu Chico Rei. Juntou pepitas até conseguir comprar sua carta de alforria e a de seu filho. Também comprou a liberdade de outros escravos da Mina Encardideira; esta, agora, de sua propriedade, adquirida com pepitas que havia escondido. (LIMA, 2006).

A história ficcional, folclórica que veste a figura de Chico Rei fornece, sem dúvida, espaços múltiplos de pesquisa e de informações sobre a História do Brasil. A tradição popular que envolve o rei congolês, tingida de tonalidades político-sociais, consiste em um caminho que conduz o leitor infantil à consciência crítica em relação à migração compulsória onde o capitalismo moderno continua a subjugar populações de cores preta e parda, conforme inúmeros dados estatísticos e analíticos disponibilizados pelo IBGE. De acordo com Câmara Cascudo (2006, p. 5):

Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heroico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo. De todos os materiais de estudo, o conto popular é justamente o mais amplo e mais expressivo. É, também, o menos examinado, reunido e divulgado.

Em Renato Lima, Zumbi dos Palmares revela-se no cotidiano escolar das crianças Clara e Tomé, este apelidado de Zumbi por ter traços característicos da rebeldia do rei do quilombo palmarino, de acordo com seu professor de capoeira. Nesse livro, o autor insere no diálogo entre as personagens infantis a resistência dos quilombolas de Palmares à atualidade, quando percebem que “a luta da qual Zumbi fazia parte ainda não acabou. Os negros continuam lutando por igualdade, por liberdade de culto, por uma vida mais digna”. (LIMA, 2009, p. 18). Ficção e realidade se misturam na mesma história para contar a trajetória de um guerreiro que defendeu Palmares de inúmeras batalhas sangrentas destinadas à destruição do centenário quilombo.

O folclore que envolve a figura de Chico Rei e a história factual de Zumbi dos Palmares desvelam-se em corpos sevidados de homens e mulheres negras que saltam do pretérito para serem reconhecidos em modelos deterministas raciais existentes em fins do século XX, em teorias de branqueamento do início do XX, em ideias da mestiçagem dos anos 1930. No campo da produção literária, pesquisas denominadas “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento”, definidas como caráter bibliográfico, neste caso sobre o negro na história do Brasil, despontam uma literatura negra, porção que se destaca do conjunto, se descola e se autonomiza quando vislumbrada em consideráveis aspectos. Renato Lima, em Chico Rei e Zumbi dos Palmares, contribui expressivamente para esse sistema de obras que se articula em torno de uma problemática ao alcance do público infantil.

O legado de Chico Rei e Zumbi dos Palmares para a literatura infantil

brasileira contemporânea

De luta e glória,
Terminou o conflito dos Palmares,
E lá no alto da serra,
Contemplando a sua terra,
Viu em chamas a sua troia.

(*Quilombo dos Palmares*, Samba-enredo do Salgueiro, 1960)

Entre os teóricos preocupados em retomar estudos sobre a literatura afro-brasileira, destacamos as contribuições de Florentina Souza e Maria Nazaré Lima. Na obra *Literatura afro-brasileira* (2006), as autoras traçam um levantamento da produção literária de escritoras e escritores brasileiros pertencentes a diferentes épocas e também são apresentadas produções africanas presentes na cultura brasileira. Nesse sentido, para as autoras, a expressão literária afro-brasileira “parece seguir uma tendência que se fortalece com o advento dos estudos culturais” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 38). A denominação literatura afro-brasileira, por sua vez, segundo as autoras:

Deve-se considerar que, na época atual, as expressões “afro-brasileiro” e “afro-descendente” circulam com maior desenvoltura, afirmando-se, sobretudo, quando são discutidas questões relacionadas com determinados segmentos da cultura brasileira. O uso dessas expressões não esgota as complexas questões que circulam em torno de seus significados, mas pode revelar, certamente, um modo de se considerar a pluralidade como um traço importante da cultura brasileira (SOUZA; LIMA, 2006, p. 38, aspas das autoras).

Contribuem para melhor entendimento dessa temática estudos como *Literatura negro-brasileira* (2010), de Cuti; *Literatura e identidade nacional* (2003); *Introdução à literatura negra* (1988), de Zilá Bernd; e *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004), de Domício Proença Filho. Esses e outros trabalhos dão abertura para discussões acerca da literatura negra no país. Proença Filho (2004, p. 161), ao se debruçar sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, evidencia dois posicionamentos: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada e o negro como sujeito, numa atitude compromissada”. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado; e literatura do negro, de outro, destaca o autor.

No âmbito de estudos críticos dirigidos à infância e juventude sobressai a obra *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens* (2017), de Eliane Debus. A pesquisadora inclina-se em torno de uma perspectiva de análise sobre a diversidade étnico-racial na literatura infantil e juvenil e analisa a produção literária de Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Braz e Georgina Martins. Os títulos que circulam no mercado editorial brasileiro dividem-se em três categorias: 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) literaturas africanas.

A produção literária e os estudos acerca da produção literária africana e afro-brasileira contemporânea destinados a crianças e aos jovens têm-se avolumado no cenário nacional, especialmente em decorrência da promulgação da lei federal 10.639/2003, posteriormente, 11.645/2008. Em consequência da lei, que fez surgir novas demandas de público, tem surgido inúmeros estudos críticos, assim como autores e obras de excelente qualidade estética.

Da literatura de autoria africana de língua portuguesa elencamos *O menino no sapatinho*, *O gato e o escuro*, *A água e a águia*, *A chuva pasmada* e *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto; *A montanha da água lilás*, de Pepetela; *A girafa que comia estrelas*, *A rainha Ginga*,

Nweti e o mar: exercícios para sonhar sereias e O livro dos camaleões, de José Eduardo Agualusa; Bom dia, camaradas!, Os da minha rua, A bicicleta que tinha bigodes, Os vivos, o morto e o peixe-frito e Quantas madrugadas tem a noite, de Ondkaki; além da coletânea de contos africanos dos países de língua portuguesa, uma recolha de contos tradicionais do país. São dessa coleção: O dia em que explodiu Mabata-bata, de Mia Couto; As mãos dos pretos, de Luís Bernardo; O enterro da bicicleta, de Nelson Saúte (Moçambique); Dragão e eu, de Teixeira de Souza (Cabo Verde); Solidão, de Albertino Bragança (São Tomé e Príncipe); A lebre, o lobo, o menino e o homem do pote, de Odete Costa Semedo (Guiné-Bissau); Nós choramos pelo cão Tinhoso, de Ondjaki; Passei por um sonho, de José Eduardo Agualusa; Gavião veio do sul e pum!, de Boaventura Cardoso e Zito Makoa, da 4ª classe, Luandino Vieira (Angola).

Na literatura para infância e juventude, no Brasil, há obras de Dinah de Abreu Azevedo com A gênese africana: contos, mitos e lendas da África, Histórias da África para contar e recontar; Contos e lendas afro-brasileiras, de Reginaldo Prandi; Omo-Oba: histórias de princesas, O mar que banha a ilha de Goré, de Kiusam Oliveira; e Abc afro-brasileiro, Yemanjá, Ogum Igbo Igbo, Caminhos de Exu, de Carolina Cunha, dentre outros

A obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas do Brasil tem provocado descobertas importantes em torno da compreensão da formação da identidade brasileira. Como sabemos, o negro quase sempre é colocado numa situação de invisibilidade dos principais acontecimentos do Brasil – como a Independência, a Guerra do Paraguai, as revoltas escravas e tantos outros fatos históricos protagonizados por negros, mas dos quais há pouco ou nenhum registro em manuais didáticos. Assim, com este trabalho, pretendemos contribuir para maior visibilidade de ações empreendidas pelos heróis Chico Rei e Zumbi dos Palmares, em especial, às suas lutas em favor da libertação do povo negro, bem como contribuir com debates sobre a produção literária africana e afro-brasileira de Renato Lima.

Renato Lima nasceu no Rio de Janeiro, em 1955. É formado em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É também bancário e sindicalista. No terreno da literatura infantil publicou, em 2003, *Fera, vendinha e gato rabudo*. Em 2006, *Chico Rei* e, em 2009, *Zumbi dos Palmares*, ambas as obras pela Editora Paulus. Nosso propósito consiste em lançar luz nas figuras dos heróis negros na literatura infantil brasileira contemporânea que emerge a partir do olhar de Renato Lima. Objetivamos traçar um diálogo entre a História e a Literatura, tendo como foco a recuperação da memória desses líderes negros cujas vozes vêm sendo silenciadas pela história. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira contemporânea produzida para o público infantil cumpre papel importante de ressignificar trajetórias individuais e coletivas, servindo de elemento para a formação de leitores. Para o autor, escrever *Chico Rei*, é uma oportunidade de dialogar com crianças e jovens:

Sobre nossa formação cultural, forjada nas relações entre etnias tão diversas, na convivência conflitiva entre indígenas, brancos europeus e negros africanos, entre história e mitos populares, opressão e resistência, fé e sincretismo, que geraram essa imensa força criativa presente em nossa música, literatura, dança, esportes e festas populares (LIMA, 2006, orelha capa 1).

Chico Rei trata-se de narrativa informativa, escrita em primeira pessoa, na qual o narrador-protagonista lembra da história e lenda do rei congolês contada por sua avó a retratar a presença da tradição popular mineira. A ação remete à escravidão no Brasil, em particular na cidade de Ouro Preto, quando se chamava Vila Rica. A obra marca a trajetória de Galanga, rei de uma tribo do Congo, afastado de seu lar, preso por mercadores e trazidos para o Brasil onde foi batizado com o nome cristão de Francisco, mas passou a ser conhecido por Chico Rei. Nessa narrativa, o protagonista relata o sofrimento de povos africanos que foram trazidos ao país a partir do século XVI e, com isso, recria o caminho tortuoso da escravidão que culminou na tardia abolição da escravatura. No enredo da obra, o pequeno leitor toma contato com os

acontecimentos que sucederam enquanto Chico Rei estava sob o poder dos senhores, na obrigação de trabalhar dia e noite nas minas auríferas, sofrendo privações, mas empenhado em articular formas de resistência e libertação, quando fundou, posteriormente, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Por sua vez, *Zumbi dos Palmares* é um clássico que focaliza passagens do lendário guerreiro Zumbi, líder dos palmarinos e uma das principais vozes da resistência do povo negro à escravidão. Na narrativa, os personagens recuperam um importante capítulo da historiografia do período colonial diante do surgimento de centenas de quilombos, espalhados principalmente pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. No livro de Renato Lima, são os personagens Clara e Tomé quem recontam a trajetória de Zumbi:

descendente de guerreiros imbangalas ou jagas, de Angola. Foi capturado por soldados da expedição enviada a Palmares, sob o comando de Brás da Rocha Cardoso, e entregue ao padre português Antônio Melo, do distrito de Porto Calvo, em Alagoas, que o batizou com o nome de Francisco (LIMA, 2009, p. 10).

A dupla conta a trajetória do herói empenhado na defesa de Palmares e nos ataques dos soldados portugueses. Esse relato recupera importante capítulo da história de seu povo, voltando-se para as sangrentas lutas que, além de símbolo cultural, consistiu em importante instrumento de resistência.

As obras em análise criam pontes entre o leitor e as matrizes culturais afro-brasileiras e africanas, dialogam com mitos, lendas, contos e sincretismo religioso, presentes na rica e diversificada tradição oral africana e afro-brasileira. No final, o autor apresenta o samba-enredo *Chico Rei*, do Grêmio Recreativo Escola de Samba do Salgueiro (1964), composto por Geraldo Babão, Djalma Sabiá e Binha. Em *Zumbi dos Palmares*, Renato Lima destaca o poema *Epopéia de Zumbi*, do intelectual e artista Nei Lopes. Trata-se de ficção com valor estético e histórico.

As obras possuem ilustrações riquíssimas que acompanham a qualidade estética dos textos. Com dezenas de livros ilustrados, Graça Lima é um dos nomes na criação de ilustração de obras destinadas aos públicos infantil e juvenil. Detentora de vários prêmios entre os quais da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Prêmio Luis Jardim, Prêmio Malba Tahan, Prêmio O melhor para jovens e muitos Selos Altamente Recomendáveis. No que se refere às ilustrações de *Chico Rei*, o autor optou por composições variadas que remetem aos grafismos da arte africana. Distribuídos em vinte e três páginas, os desenhos de *Zumbi dos Palmares* ambientam espaços de lutas. Nas capas, a ilustradora utilizou cores preta e vermelha de maneira intensa, criando um jogo de contrastes de colorações no interior da narrativa.

Renato Lima apropriou-se de eventos históricos para ficcionalizá-los, como mercados de escravos, capitães do mato, a memória da cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto, expedições da Coroa Portuguesa para destruir Palmares e movimentos de resistência dos negros ao domínio dos opressores.

Ao abordar sob o ângulo das relações raciais o ensino de história, literatura e culturas da África e afro-brasileiras, insere-os no panorama mais amplo na luta contra o racismo e na formação do cidadão “orgulhoso de seu pertencimento étnico-racial”. Ou seja, a lei é vista como capaz de iluminar a história e a cultura do negro brasileiro, buscando “reparar danos a sua identidade e a seus direitos”, tendo como orientação reescrever a nossa história (MACEDO, 2010, p. 278, aspas do autor).

As obras de Renato Lima revelam-se, portanto, sintonizadas à contemporaneidade e à discussão indispensável no âmbito escolar ao voltar-se à constituição do gosto estético e do espírito crítico de seu leitor, necessários para a formação de preceitos cidadãos.

Considerações Finais: sob o sol da liberdade

Todas as noites quando das minas regressavam
lam à igreja e suas cabeças lavavam,
Era o ouro depositado na pia
E guardado em outro lugar de garantia
Até completar a importância
Para comprar suas alforrias.
Foram libertos cada um por sua vez
E assim foi que o rei,
Sob o sol da liberdade, trabalhou.

(*Chico Rei*, Samba-enredo do Salgueiro, 1964)

Chico Rei e *Zumbi dos Palmares* são obras que exprimem um diálogo entre a ficção e o factual. Contemporaneamente, os dois heróis representam negros em busca de liberdade, e Renato Lima apresenta-os ao pequeno leitor em perspectiva literária. O autor, na malha narrativa em que tece as duas histórias apresenta a valorização do herói negro e das tradições culturais afrodescendentes o que encontra correspondência no projeto ilustrativo de Graça Lima para as duas obras. Podemos afirmar que se tornaram personagens referendados da história negra brasileira, diferentemente do que estamos habituados a ver, ou seja, negros estereotipados ainda apresentados em vários manuais didáticos, estudos e mesmo na literatura infantil e juvenil. Nesse sentido, Eliane Debus publicou a pesquisa *A literatura de recepção infantil e a imagem da criança negra* (2012), que, embora não focalize narrativas com personagens históricos, como é o caso do nosso estudo, aponta diversos equívocos na condução do enredo e das ilustrações de um conjunto significativo de obras literárias endereçadas à infância cujas protagonistas eram crianças negras envoltas em histórias que tematizavam a negritude em espaços como a escola e a família.

Chico Rei e *Zumbi dos Palmares* em diálogo começam a ter visibilidade e se tornar partes de projetos literários em construção em diversos espaços do país. Pelo olhar de vários escritores, personagens negros do folclore e da história do Brasil conquistam espaços no universo escolar, no sistema literário e em suas vivências como meio de denúncia e conscientização sobre papéis sociais. Tal perspectiva apresenta-se como verdadeira e podemos ilustrá-la com um feliz e recente exemplo: Eliane Debus, que também transita pela escrita literária, levou a cabo o projeto de publicação da obra *Antonietta* (2019), narrativa em prosa poética sobre a primeira deputada estadual negra do Brasil e primeira mulher do parlamento catarinense. A obra, endereçada para a infância, foi ilustrada pela grafiteira Annie Ganzala.

Em relação à especificidade do impacto da literatura na formação de indivíduos e sua relação com a humanização, transcrevemos as palavras de Antonio Candido, que defende o potencial social e humanizador da literatura:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2011, p. 177).

A proposição de Candido encontra, na proposta de Renato Lima exposta nas obras aqui analisadas, uma amostra preciosa da possibilidade de vivermos “dialeticamente os proble-

mas”, na medida em que a produção literária do autor lança luz sobre a história do herói negro e das tradições culturais afrodescendentes. Tal esforço justifica-se para que não ocorra o apagamento dessas narrativas. Assim, os leitores terão condições de acrescentá-las ao conjunto de enredos que já conhecem de forma a facilitar a articulação do pensamento dialético diante dos problemas que a negação da história negra e das tradições culturais de matriz africana representa neste país marcado pelo racismo estrutural. Em nosso entender, as coordenadas lançadas por Candido encorajam a presença da justiça cognitiva discutida na seção dois e que é assimilada no projeto literário de Renato Lima para as duas obras contempladas neste trabalho. Retomar os enredos e o protagonismo de heróis negros como Chico Rei e Zumbi dos Palmares a partir de perspectiva estética é, sem dúvida, colocar a literatura infantil ao alcance da equidade epistemológica e, conseqüentemente, social.

Também é importante evidenciar que Marisa Lajolo e Regina Zilberman, na obra *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história* (2017), nas considerações finais do estudo, questionam-se se os alvissareiros números de obras literárias distribuídos pelos programas federais de incentivo à leitura representam, de fato, avanço na competência da leitura literária das crianças e jovens brasileiros. Na mesma perspectiva, as pesquisadoras sinalizam o receio de que a relação intrínseca que tais programas estabelecem com a escola represente retrocesso “na esteira de determinações pedagógicas [vide os manuais que muitas editoras oferecem aos professores como alternativa para as práticas de leitura com suas obras] que, ao fazerem da literatura infantil, aliada explícita da pedagogia, podem comprometer o caráter libertário [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 137). Sabemos que a conquista resultou de muito esforço por parte de escritores e estudiosos da literatura infantil. As pesquisadoras amenizam esse receio apostando na recepção de obras literárias com temáticas caras a este estudo: “Dialeticamente, no entanto, o risco representado por essa tendência [a adesão à função pedagógica] talvez se compense pelo surgimento de outras linhas de ação, como [...] o novo indianismo e a temática da cultura afrodescendente”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 137). A literatura de temática indígena e africana (novo indianismo e cultura afrodescendente, nas palavras das pesquisadoras), não temos dúvida, têm a potência de neutralizar os processos de ensino aprendizagem que anulam o valor estético e o caráter histórico-cultural do texto literário e favorecer amplamente a emancipação do leitor contemporâneo.

Apostar na força de narrativas de matriz indígena e africana como maneira de garantir o vigor da literatura infantil num espaço que muitas vezes silenciou e ainda silencia a voz dos povos originários, dos povos africanos e da criança (não nos esqueçamos o caráter autoritário e moralizador que delineou a formação e a estruturação da instituição escolar) é buscar alternativas dentro do próprio círculo histórico-cultural que reconhece os elementos antes apagados ou negados e apostar neles para o equilíbrio do sistema literário infantil.

Procuramos demonstrar alguns apontamentos sobre literatura infantil, leitura literária, conhecimento histórico e pensamento decolonial. Considerando-se os levantamentos realizados, destacamos a importância da leitura de textos literários contemplando a diversidade cultural afrodescendente. Tratar dessas questões implica pensar meios de viabilizar uma sociedade igualitária, tolerante e menos excludente.

Referências

BALDI, César Augusto. Comunidades negras e novo constitucionalismo: pluralismo jurídico, territorialidade e buen vivir. In: VAL, Eduardo Manuel; BELLO, Enzo (Orgs.). **O pensamento pós e descolonial no novo constitucionalismo latino-americano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014, p. 26-50. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/pensamento_pos.pdf. Acesso em: 13 maio de 2020.

BERND, Zilé. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SOARES, Jarbas (BINHA); SABIÁ, Djalma; BABÃO, Geraldo; RODRIGUES, Arlindo. **Chico Rei**.

1964. Samba Enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba do Salgueiro. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/salgueiro-rj/683010/>. Acesso em: 17 maio 2020.

BOLOGNESI, Luiz; PUNTONI, Pedro. **Meus heróis não viraram estátua**. São Paulo: Ática, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CASCUDO, Câmara. **Contos tradicionais do Brasil para jovens**. 2. ed. Rio de Janeiro: Global, 2006.

CHICO Rei. Direção de Walter Lima Júnior. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1985. 1 DVD (115 mim.)

COSTA E SILVA, Alberto. Escravidão e liberdade. In: SCHWCARCZ, Lilia Mortiz; GOMES, Flávio dos Santos. (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 13-16.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DEBUS, Eliane. A literatura de recepção infantil e a imagem da criança negra. In: ARAÚJO, Rodrigo da Costa; OLIVEIRA, Wilbert. (Orgs.). **Literatura infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite**. Vila Velha: Opção, 2012, p. 27-40.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidade/colonialidad latino-americano. In: **Tabula Rasa**. 2003. p. 51-86. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/1-escobar-tabula-rasa.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANGA Zumba. Direção de Cacá Diegues. Rio de Janeiro: Embrafilme; Gaumont, 1963. 1 DVD (120 min.)

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio. **Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, n. 2, 1983, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun., 1988, p. 69-82.

GROSFOGUEL, Ramón. Racismo epistémico, islamofobia epistémica y ciencias sociales coloniales. In: **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 14, enero-junio 2011. p. 341-355. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-14/15grosfoguel.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

GUIMARAES-IOSIF, Ranilce. **Educação, pobreza e desigualdade no Brasil: impedimentos para a cidadania global emancipada**. Brasília: Liber Livro, 2009.

HOOKE, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IBGE. Síntese dos indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2019. *In: Estudos e pesquisas informação demográfica e socioeconômica*, n. 40. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>. Acesso em: 16 maio 2020.

LAILOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.

LIMA, Renato. **Chico Rei**. Ilustrações de Graça Lima. São Paulo: Paulus, 2006 (Coleção Mistura Brasileira).

LIMA, Renato. **Zumbi dos Palmares**. Ilustrações de Graça Lima. São Paulo: Paulus, 2009 (Coleção Mistura Brasileira).

MACEDO, Tania. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: algumas questões. *In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Orgs.). África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2010. p. 277-284.

MEC. Ministério da Educação e Cultura. **65% dos inscritos no Enem já concluíram o ensino médio em anos anteriores**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/65-dos-inscritos-no-enem-ja-concluíram-o-ensino-medio-em-anos-anteriores>. Acesso em: 30 maio 2020.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994 (Repensando a História)

NOGUEIRA, Simone Gibran. Políticas de identidade, branquitude e pertencimento étnico-racial. *In: BENTO, Maria Aparecida (Org.). Identidade, branquitude e negritude: contribuições para a psicologia social no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 49-63.

ONGRiodePaz. **Rio de Paz**. Disponível em facebook.com/ONGRiodePaz. Acesso em: 20 maio 2020

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira; MORETTI, Gianna Alessandra Sanchez. Escola, lugar do desrespeito: intolerância contra religiões de matrizes africanas e escolas públicas no Brasil. *In: Revista de Direitos Humanos e efetividade: fundamentação e processos participativos*. Florianópolis: CONPEDI, v. 1, 2016, p. 375-394.

PRAXEDES, Rosângela; PRAXEDES, Walter. **Educando contra o preconceito e a discriminação racial**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *In: Revista Estudos Avançados*, vol. 18, n. 50, 2004. p. 161-193

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: LANDER, Edgar (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 107 - 130 (Colección Sur Sur). Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/> Acesso em: 18 maio 2020.

QUILOMBO. Direção de Cacá Diegues. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1984 (110 min.)

SANTOS, Boaventura de Sousa. Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 54, Jun. 1999, p. 197-214. Disponível em: http://histtheory.tripod.com/teoria_critica.htm. Acesso em: 20 maio 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia Social**, vol.26, n.1, p. 83-94, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>. Acesso em 17 novembro 2020.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

Recebido em 11 de agosto de 2020.

Aceito em 15 de setembro de 2020.